

ROTA SANKOFA: discussões sobre um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual de Londrina

Ana Célide da Silva
Maria Fernanda Furlan Henrique
Margarida de Cássia Campos

INTRODUÇÃO

O presente texto visa apresentar o projeto de pesquisa intitulado: “Rota Sankofa: Por uma Londrina Decolonial e Antirracista”, desenvolvido no departamento de Geografia da Universidade Estadual de Londrina desde 2024, tal iniciativa realiza um movimento de reflexão de forma crítica e decolonial sobre o passado de colonização das Américas, Brasil e Londrina, com o intuito de criar possibilidades de formação de sujeitos que possam problematizar os sentidos de desenvolvimento, da história colonial, da degradação ambiental predatória, da violência dos conflitos territoriais e dos níveis de exclusão e segregação socioespacial produzidos pelo projeto colonial, considerado ainda hoje pela história oficial como sendo civilizatório e evangelizador e humanista. É preciso demonstrar cientificamente por meio de pesquisas que o padrão de poder, instalado pelo colonialismo europeu na América, no final do século XV, foi centrado tanto na ideologia da raça para a organização social e domínio do território como no capitalismo mercantil comercial para a estruturação do controle do trabalho. Tais concepções, combinadas e agindo simultaneamente, viabilizaram a exploração, a pilhagem, a invasão de territórios e a escravização dos corpos negros e indígenas, transformando-os em mercadoria, como nos apresentam autores como Quijano (2005) e Walsh (2009).

METODOLOGIA

No presente trabalho escolheu-se a decolonialidade como perspectiva problematizadora que centraliza as ideias do colonialismo e do eurocentrismo como objetos de análise crítica e permite uma contextualização do objeto de estudo na dinâmica cultural, social e histórica, no sentido de contrapor os elementos conflitantes para compreender o papel desses elementos na constituição de um certo fenômeno, considerando sobretudo suas contradições. Nesse aspecto, acreditamos que a teoria crítica decolonial segundo Walsh (2009), é crucial para desenvolver metodologias produzidas em um contexto de práticas insurgentes de lutas e resistências contra a modernidade/colonialidade e que possibilitam aos seres subalternizados maneiras de ser, pensar, estar, saber, sentir, existir e viver fora do padrão da colonialidade de poder, saber e ser, estabelecida a partir do século XVI quando da invasão da América por alguns países europeus. Tais metodologias questionam, essencialmente, as epistemes da Modernidade geradas pelo colonialismo. Quanto aos procedimentos metodológicos realizaremos: 1- levantamento bibliográfico dos temas da pesquisa utilizando-se de autores e autoras do Sul Global; 2- Seleção e análise de documentos históricos de construção de Londrina, após sua ocupação por pessoas não indígenas 3- Seleção e análise de sites e livros oficiais da cidade de Londrina que contam a história de construção da cidade 4- Levantamento de nomes de homenageados nas ruas, 5- Organização de um roteiro técnico-científico decolonial e antirracista da cidade de

Londrina

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A colonialidade está presente nas arquiteturas e planejamentos das cidades, nas desigualdades, no modo de pensar, de viver, de sentir, de fazer ciência e na Educação. Refletir sobre as condições em que vivemos enquanto colonizados e questionar os conceitos transmitidos por gerações de uma ideologia branca hegemônica, é apresentar um outro tipo de educação e de pedagogia, uma visão outra de história que valoriza nossas raízes indígenas e africanas como fundamentais na composição do povo e da cultura de um país. Durante séculos a violência praticada na colonização foi justificada pela ideia da superioridade do branco e do desprezo de tudo que fosse dos povos originários ou comunidade negras. A origem da cidade de Londrina encontra-se transpassada por esta colonialidade que valoriza as raízes europeias, mesmo tendo como evidente o contexto mundial do Imperialismo. Em Londrina existe uma exaltação aos valores europeus que está presente na formação da cidade, nos monumentos, nos nomes de ruas e na exclusão em forma de negação da participação indígena e negra na construção da cidade e de sua história. Precisamos reconhecer o racismo que existe ao nosso redor, em que estamos tão imersos que acabamos, por manipulação da história oficial, acreditando que todos nós somos brancos, descendentes de imigrantes europeus, como se o Sul fosse colonizado de maneira distinta do país, como “Pequenas Europas”: a construção da história oficial da cidade, na qual se omitem a presença negra e indígena (colonialidade na produção de conhecimento ou colonialidade do saber articulada ao racismo à brasileira, que suprime os considerados inferiores); as características do projeto arquitetônico da cidade, isto é, do ambiente construído, que, se por um lado, não reconhece a existência de determinados grupos sociais, por outro, sedimenta as raízes da hegemonia eurocêntrica nas representações culturais através de símbolos que visam promover sua aproximação com a capital inglesa. A colonização da região de Londrina está completamente inserida neste contexto de dominação capitalista especificamente no período do Imperialismo quando a Companhia Inglesa de comercialização fundiária se estabeleceu na região. Desde então o discurso hegemônico europeu vem sendo disseminado por propagandas, literatura, nas datas comemorativas nas escolas, nos jornais como sinônimo de progresso na cidade.

Palavras-chave: espaço urbano; racismo; colonialidade

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, B. S. & M. P. de MENESES, M. P. (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p. 73 117.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In CANDAU, V. M (Org.). **Educação intercultural na América Latina:** entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro, 2009, p. 12-43

AGRADECIMENTOS: Agradecemos ao CNPQ e a Fundação Araucária por disponibilizar bolsas de iniciação científica para o desenvolvimento da pesquisa por estudantes de graduação.